

O processo histórico social de construção de memórias e histórias sobre o movimento dos trabalhadores de 1949 em Fernandópolis/São Paulo *

Vagner José Moreira *

Resumo

O objeto da pesquisa constitui-se no processo histórico e social de construção de memórias e histórias sobre o movimento social dos trabalhadores ocorrido em junho de 1949 em Fernandópolis, Estado de São Paulo, comumente rememorado como “levante comunista” ou movimento de “revolução agrária”. Os processos sociais de construção de memórias sobre o movimento de trabalhadores levou-me a identificar a memória como um lugar de disputa pela hegemonia na cidade e o movimento de 1949 como um lugar de confluências de conflitos e de culturas de classe.

Palavras-chave: trabalhadores, memória, movimentos sociais.

Abstract

The object of the research is constituted in the historical and social process of construction of memoirs and histories on the workers' social movement happened in June of 1949 in Fernandópolis, State of São Paulo, commonly remembered as "communist revolt" or movement of "agrarian revolution". The social processes of construction of memoirs on the workers' movement took me to identify the memory as a dispute place for the hegemony in the city and the movement of 1949 as a place of confluences of conflicts and of class cultures.

Keywords: workers, memory, social movements.

A problematização do processo de construção social das memórias do movimento de trabalhadores de 1949 em Fernandópolis foi iniciada a partir das narrativas orais produzidas em 1996 para a escrita do artigo sobre o “levante comunista” e para o livro sobre a “história da cidade” (SUGAHARA; COSTA; MALACRIDA, 1996: 280-310).

As narrativas orais produzidas em 1996 trataram de temas diversos relacionados ao processo de ocupação do espaço, da formação da cidade e sua história política, edificando e mitificando narrativas e sujeitos. O movimento de trabalhadores de 1949 foi objeto específico de algumas entrevistas e assunto tratado em outras entrevistas. Desde o início da pesquisa, a utilização dessas fontes orais, produzidas por outros pesquisadores, apresentou-se como uma possibilidade e uma problemática (CARDOSO, 2004).

* Esse artigo é parte das discussões do primeiro capítulo da pesquisa de Doutorado em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, “Memórias construindo histórias sobre o levante comunista de 1949 em Fernandópolis, São Paulo”, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

* * Professor do curso de Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

A pesquisa levou-me a produzir outras entrevistas e embrenhar-me na perscrutação de outras evidências e materiais históricos. A problemática sobre a produção dessas fontes e os sentidos atribuídos as experiências vividas e as versões sobre o movimento de trabalhadores de 23 para 24 de junho de 1949 mediaram o diálogo com os diversos materiais e, em particular, o diálogo com as narrativas orais.

A utilização dessas fontes orais levou-me a problematizar o processo de produção das entrevistas, a relação entrevistador e entrevistado, a subjetividade dos sujeitos, a produção de enredos, atos interpretativos e procedimentos narrativos e simbólicos. As questões formuladas pelos pesquisadores estavam inseridas dentro de determinadas perspectivas e de determinadas pressões. O diálogo estabelecido entre entrevistador, com suas perguntas, e entrevistado, com suas respostas, a subjetividade produzida a partir dessas relações, impactou a construção desses materiais e os sentidos atribuídos as experiências vividas e as versões sobre o movimento de trabalhadores de junho de 1949, marcados pelo lugar que estes sujeitos ocuparam nesse processo histórico (PORTELLI, 1996a, 1996b, 2001/2002, 2003; KHOURY, 2004, 2006).

As versões narrativas do movimento de trabalhadores em 1949 em Fernandópolis estão marcadas por disputas em torno das memórias do movimento, cujo processo histórico vivido é significado, por vezes, pelo esquecimento ou a recusa em se lembrar desse passado ou pelo “medo” que o movimento provocou na “população da cidade”. Versões sobre a “ameaça comunista” parecem povoar as memórias de muitos.

Por outro lado, outras versões sobre os movimentos sociais dos trabalhadores em Fernandópolis, especificamente, o movimento de 1949, significam aquelas lutas, do final da década de 1949 e início da década seguinte, como lutas pela terra, aproximando-as, histórico e politicamente, das lutas dos trabalhadores rurais sem-terra nos dias de hoje. As memórias de atos interpretativos, a partir das reminiscências formuladas em 1996 e no presente sobre o movimento de 1949, constituem fato relevante na pesquisa, evidências de experiências, de modos de vida e dos diversos projetos e memórias em disputa.

A experiência de Oswaldo Felisberto é significativa e representativa para iniciar a problematização desse processo histórico em que memórias construíram histórias sobre o movimento de trabalhadores em 1949 em Fernandópolis.

A representatividade de determinadas narrativas orais está relacionada aos contornos dos procedimentos narrativos e simbólicos compartilhados, a experiência excepcional e os fatos excepcionais narrados. Como afirma Alessandro Portelli, “talvez porque nos revelam o que foi possível” (ALMEIDA; KHOURY, 2001/2002: 32). Os sujeitos quando narram

atribuem sentidos às suas vivências e as vivências de outras pessoas. Nesse processo, a subjetividade dos sujeitos expressa significados, expectativas e “campos de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (PORTELLI, 1996a: 72). A experiência narrada produz atos interpretativos marcados por procedimentos narrativos e simbólicos. Esses atos interpretativos constituem em fatos históricos relevantes para o historiador. Tenho problematizado que essa perspectiva se estende para além das narrativas orais permitindo pensar outras evidências históricas.

Oswaldo Felisberto exerceu a profissão de contador logo que chegou a cidade, em 1943, dentista prático por um longo período, talvez até o final da década de 1950, quando iniciou o curso de odontologia em Uberaba, mas abandonando depois de um ano e meio de curso. Em 1952 também foi professor no colégio público da cidade. No início da década de 1960 começou a trabalhar na Casa da Lavoura em Fernandópolis e aposentou-se como funcionário da Secretária da Agricultura do Estado de São Paulo, lotado na cidade de São Paulo. Desde meados da década de 1940 posicionou-se politicamente como comunista e em 1951 foi eleito vereador, militando na cidade como mediador de movimentos sociais, principalmente, na luta em defesa dos interesses dos trabalhadores rurais. Em descrição elaborada por sua filha, Yara Maria Felisberto, Oswaldo era um eloquente orador e participava das reuniões do partido e sempre muito próximo dos comunistas; porém, afirma-se, não participou do movimento de 1949.

Oswaldo Felisberto, ao ser questionado sobre o “levante comunista”, em entrevista concedida à Áurea Maria de Azevedo Sugahara, em 1996, explica:

Áurea Sugahara: Fala uma coisa senhor Oswaldo, em 1949 houve um levante comunista? O que o senhor saberia me dizer a respeito?

Oswaldo Felisberto: Não houve propriamente... Não houve o levante comunista. Lá o que houve foi o seguinte: era o tipo dos sem-terra, era o tipo do indivíduo sem-terra liderado por Antônio Joaquim. Antônio Joaquim mais uns guerrilheiros... guerrilheiros não, uns lavradores, não é! Que queriam desapropriar a fazenda do Veloso, lá em Ouroeste, onde Antônio Joaquim... onde Antônio Joaquim tinha fazenda. Então eles levantaram lá em... e vieram para tomá Fernandópolis. Mas não tomaram!

Áurea Sugahara: Não chegaram?

Oswaldo Felisberto: Não tomaram nada!

Áurea Sugahara: Houve uma tentativa?

Oswaldo Felisberto: Foram até no Caxi só. Foram até ali no Caxi. No Caxi eles voltaram... desmancharam tudo. (Oswaldo Felisberto. Santo André/SP, entrevista realizada por Áurea Maria de Azevedo Sugahara, em 1996, sem data precisa).

A questão elaborada sobre o “levante comunista” pela pesquisadora ocorre no meio da entrevista de 32 minutos. Antes de tratar sobre o “levante comunista” Felisberto fora indagado ou motivado a falar sobre a “história política de Fernandópolis” e sobre os diversos sujeitos que exerceram o poder político local. As questões iniciais elaboradas por Áurea

Sugahara e a narrativa de Oswaldo Felisberto constituem em atos interpretativos sobre o presente e sobre o passado da cidade. O diálogo entre a entrevistadora e o entrevistado é iniciado a partir dessas questões, talvez diante das pressões políticas para elaboração do “livro sobre a história da cidade”¹. Felisberto também se sentia mais a vontade para falar desses temas. Parece que Felisberto estava reticente em conceder a entrevista e falar sobre sua militância e sobre o “movimento comunista na cidade”.

A versão narrada por Oswaldo Felisberto modifica os fatos tal como eles ocorreram. Primeiro, os conflitos em torno da luta pela terra não estavam limitados a “desapropriação” da fazenda do Veloso e, segundo, os trabalhadores chegaram até Fernandópolis, não retornando do atual Córrego do Caxi. Foi justamente no Córrego do Caxi que ocorreram os conflitos entre inspetor de quartirão José Honório da Silva, que teve sua casa e bar alvejados, e os trabalhadores, de lá se deslocaram pouco depois para Fernandópolis. Possivelmente, por não ter ocorrido fatos como os que ocorreram em Populina, Guarani D’Oeste e no Córrego do Caxi, levou Felisberto afirmar que não “houve levante comunista” na cidade. A pergunta formulada corrobora na resposta de Felisberto. Certamente, a compreensão e os significados de um “levante comunista” para Felisberto não se conformava ao movimento que ocorreu naquela noite de 23 para 24 de junho de 1949 e seus desdobramentos em Fernandópolis, como também parece não estar mais certo no seu presente, 1996, de que àquelas eram as melhores alternativas para a resolução dos problemas vividos pelos trabalhadores.

Das reminiscências de Oswaldo Felisberto emergem indícios dos conflitos em torno da luta pela terra. É significativa a relação do movimento de trabalhadores em 1949 com a luta pela reforma agrária organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rural Sem-Terra (MST). Mesmo querendo negar a ocorrência do “levante” caracteriza, inicialmente, os trabalhadores como “guerrilheiros”.

Entre todas as entrevistas realizadas pelo grupo de pesquisadores para elaboração do “livro sobre a história da cidade” e as entrevistas realizadas para essa pesquisa, apenas a narrativa de Oswaldo Felisberto, mesmo que reelaborada logo a seguir, identifica àqueles trabalhadores com o termo “guerrilheiros”. É provável que identifique o movimento de luta pela terra organizada pelo MST como uma luta de guerrilha – política e revolucionária – que não se restringe a reforma agrária. A entrevista foi concedida em meados da década de 1990,

¹ A obra fora encomendada pelo prefeito municipal do período, envolvendo na pesquisa e na escrita professores das escolas públicas da cidade e professores do curso de História da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF; Cf. PESSOTA, et al., 1996.

justamente num período em que as tensões e diversos conflitos em torno da luta pela terra organizada pelo MST estavam em evidência.

A relação pode ser compreendida à medida que se considera o momento da concessão da entrevista e como aquele tempo era vivido por Oswaldo Felisberto. Desde a década de 1950-60, Felisberto sofreu muito com a repressão policial mudando várias vezes de cidade e vindo a falecer em Santo André. Com a família chegou morar em Uberaba, onde começou a faculdade de odontologia, mas ali passou por sérios problemas psicológicos e não concluiu o curso. Parece que as perseguições não estavam relacionadas apenas as suas atividades políticas, mas também ao exercício da profissão de dentista prático. É provável que Felisberto relacione a repressão à atividade exercida como dentista prático a sua militância política, o que deve ter acontecido na realidade, por mais que no início da década de 1950 a política do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo tivesse sido reorientada para a regulamentação da profissão e repressão aos dentistas práticos. Na década de 1950 o consultório de Felisberto foi interdito por quatro vezes (20/01/1951, 21/02/1952, 26/07/1955 e 04/09/1956) e indiciado em inquérito policial e, posteriormente, processado, por “exercício ilegal da profissão”. Em 1957-8, enquanto era acadêmico de odontologia em Uberaba, no Estado de Minas Gerais, e investigado pela Delegacia de Polícia de Fernandópolis, foi inquirido em carta precatória pela Delegacia de Polícia de Uberaba².

Quando já trabalhava na Casa da Lavoura em Fernandópolis, logo após o Golpe Militar em 1964, Felisberto foi preso em Fernandópolis e transferido sua prisão para Lins, Estado de São Paulo, e ali ficando preso por mais de um mês. Ao retornar seu cargo havia sido transferido para a cidade de Votuporanga, criando dificuldades para exercer suas atividades. Essas vivências foram experienciadas como transtornos e marcaram a vida de Oswaldo Felisberto e toda a sua família. Sua filha, Yara, relata que “determinadas pessoas” delataram o seu pai para os militares por pura perseguição política, mas que nesse momento ele não atuava mais no partido.

A discriminação e perseguição política constituíram no enredo das entrevistas de Yara Felisberto e de Idelma Felisberto, esposa de Oswaldo Felisberto, sendo interpretado por elas como pressões para os diversos deslocamentos até a fixação de moradia em Santo

² Cf. DELEGACIA DE POLÍCIA DE FERNANDÓPOLIS. Prontuário 473 de Oswaldo Felisberto. Em “Comunicação Criminal do Juízo de Direito da Comarca de Fernandópolis” à Delegacia de Polícia de Fernandópolis, Of. n. 232, de 6 de abril de 1960, anexada no Prontuário, informa que Felisberto fora absolvido.

André³. Como afirma Yara, “nos empurraram pra fora da cidade”. Meu primeiro contato com Yara foi por telefone mostrando-se desde o início reticente na realização da sua entrevista e na entrevista com sua mãe: “a gente não lembra de nada”, “a mãe não sente a vontade para falar”, “eliminamos essa fase da nossa vida”, entre outras frases denotativas de um passado que deveria continuar aonde estava – no passado, “esquecido”. A narrativa de Idelma Felisberto está marcada por frases significativas de como vivenciaram essas experiências e do trabalho da memória buscando esquecer-se do vivido: “[...] E... deixa eu ver o que mais **posso dizer**, que eu **posso me lembrar!** [...] **a vida aqui foi meio dura!** [...] Porque o movimento deles iam crescendo e os outros achavam ruim, então começou a perseguição. Foi isso! **Eu não me lembro mais nada**”⁴.

Narrativas entremeadas de silêncios e reticências, carregadas de digressões, reforçam os sentidos atribuídos a experiência vivida como tempos que foram vividos em meio a tensões, conflitos e privações. A narrativa fragmentada de Idelma Felisberto parece querer reforçar a imagem de um tempo que não foi apenas difícil de ser vivido como também difícil de ser lembrado (ALMEIDA, 2006).

Embora as reminiscências do vivido constituíssem um processo traumático e dolorido para a família, Yara Felisberto identificou os sentidos das lutas de seu pai e daquele tempo:

Yara Maria Felisberto: Então eu acho que naquele tempo, eu acho que eles eram muito idealistas. Eles desenvolviam as idéias deles, preconizavam um mundo bom. Um mundo onde todo mundo fosse feliz, onde todos pudessem ter um pedaço de chão, o seu... a sua... o seu trabalho de uma forma tranqüila, né? Isso daí incomodou muito, porque em uma época que predominava o latifúndio, eram os grandes proprietários de terras, né! As terras eram ainda muito pouco, assim..., era uma concentração de terras muito grande nas mãos de poucos, então falava em reforma agrária, era complicado e a bandeira deles era a reforma agrária!

Vagner: Era?

Yara Maria Felisberto: E até hoje ainda é, e tá aí a briga por causa de terra e é uma confusão que parece que não tem fim! Mas naquele tempo não era assim uma coisa tão... Principalmente eles que viviam na cidade, né, que pregavam a... reforma agrária como uma divisão assim..., mais de uma forma tranqüila, não era de uma forma..., não sei em outros grupos como é que as coisas aconteciam, mas entre eles eram uma coisa.... (Yara Maria Felisberto. Fernandópolis/SP. 12/08/2006. Acervo do pesquisador.).

³ Diante da minha insistência agendamos a entrevista para o dia 08 de agosto de 2006. Depois de uma hora de conversa em que fui indagado de minhas intenções, sobre minha família e sobre o que eu abordaria na entrevista, agendamos a entrevista para daí 4 dias, 12 de agosto, às 16 horas. Minha expectativa era além de entrevistá-la também entrevistar sua mãe nesse dia, mas ela nem apareceu na sala, local onde realizei a entrevista. Apenas depois de entrevistar Yara Felisberto que consegui agendar uma entrevista com Dona Idelma, para o sábado seguinte, dia 19 de agosto de 2006.

⁴ Idelma Felisberto. Fernandópolis/SP. 19/08/2006. A entrevista foi realizada com a presença e a participação de Yara Maria Felisberto. Em alguns momentos, Yara formulou perguntas a mãe sobre o passado da família. Na entrevista com Idelma Felisberto sua filha é co-autora. Acervo do pesquisador. (Grifo nosso).

No processo de produção social das memórias e dos sentidos atribuídos aos movimentos o presente sempre é referenciado como contraponto do lembrar. A luta pela terra no dias atuais empreendida pelos movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra, significada como uma “briga por causa de terra” e “confusão que parece que não tem fim”, permeia a elaboração da versão sobre o movimento de 1949 e das lutas dos trabalhadores “naquele tempo”. A partir da experiência de Yara Felisberto, a utilização do presente como referência tem o sentido de “suavizar”, despolitizar, as práticas de luta no final da década de 1940 e início da década seguinte como uma “forma tranqüila”. De forma ambígua, Yara chama a atenção para os conflitos vividos numa “época que predominava os latifúndios” e de “grandes proprietários de terra” – elementos intrínsecos em muitos tempos para conflitos e lutas diversas dos trabalhadores pela terra.

A construção de uma versão para o movimento de 1949 e daquele momento, pela filha de Oswaldo Felisberto, leva-a produzir imagens sobre as práticas de luta distanciando-as dos conflitos e da violência da luta pela reforma agrária no presente. Em alguns momentos, para explicar a sua interpretação sobre a luta pela terra no presente e caracterizar a luta empreendida pelo seu pai no passado, Yara Felisberto utiliza-se das imagens de “violência” e “extremismo” dos conflitos no oriente médio, repugnando-os e valorando-os como práticas caracterizadas pelo “radicalismo” e pela “intransigência”. Parece que a preocupação de Yara Felisberto é com a construção de memórias e de imagens de seu pai e do movimento como “tranqüilo”, por pessoas que lutavam pelas “palavras” deles, pelas “idéias liberais e lutam por isso e lutam de uma forma muito violenta hoje. Naquela época não!”

Essa atitude de Yara Felisberto certamente está relacionada com o vivido pela família diante da militância comunista de seu pai (repressão e a perseguição política) e da própria trajetória de Oswaldo Felisberto durante a década de 1980-90, reavaliando sua posição política. Todavia, “naquele tempo”, Oswaldo Felisberto era firme e convicto nas posições que assumia, conforme se posicionava durante as sessões da Câmara Municipal de Fernandópolis⁵.

A problematização dessas narrativas orais tiveram como objetivo chamar a atenção para as circunstâncias vividas e para a trajetória de Felisberto e a construção da memória familiar sobre esse passado. A desconstrução da imagem de Oswaldo Felisberto como

⁵ Cf. ATA DA REUNIÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS EM SUA 6ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 1 DE ABRIL DE 1952 *apud* FERNANDÓPOLIS-JORNAL. Semanário, n. 358, 25 de maio de 1952, p. 1. Desde 1946 Oswaldo Felisberto fora fichado no DOPS por distribuir panfletos com conteúdo considerado comunista e de organização da luta pela terra – “Liga Camponesa” – e liderar a organização do PCB na cidade, Cf. PRONTUÁRIO 69.800 – Oswaldo Felisberto. DEOPS/SP, DAESP.

militante comunista parece situar a narrativa de Yara Felisberto em um projeto familiar de construção de uma memória pública da família Felisberto, em que desqualifica o passado de militância política e posiciona a família no presente a partir de um lugar político “neutro”.

Como compreender a reelaboração política de Oswaldo Felisberto e de sua família diante das suas vivências? A sua narrativa de 1996 sobre a história do movimento de 1949 é significativa para a compreensão desse processo:

*[...] Mas, enfim, o processo político desenvolveu pro outro lado agora, que é melhor agora do que naquele tempo. Não existe mais comunismo, nem na União Soviética. Não há mais problema de comunismo. Existe esses problemas ai de sem-terra, que esses tal de sem-terra, que é um problema social, que eles terão que futuramente resolve isso. Mas é muita malandragem também no meio, viu..., tem muito nego ai que nunca foi da terra que tá metido ai no meio disso ai, viu. Isso aí não é assim. Então o governo tá acertando pra vê se chega lá. [...].
De forma que nu, num, hoje não existe mais esse problema... Fazê esse levantamento, não traz, **não traz consequência nenhuma, não traz influência pra Fernandópolis**. Pelo contrário, traz influência péssima, não é! Não traz uma influência boa. Mas... não surtiu efeito nenhum. Nem por Partido Comunista nem pra eles. O Partido Comunista num, só queria agitação, só agitação, só fazê agitação. Foi uma etapa... uma folha negra [...]. (Oswaldo Felisberto. Santo André/SP, entrevista realizada por Áurea Maria de Azevedo Sugahara em 1996). (Grifo Nosso).*

A interpretação da narrativa de Felisberto pode ser a de que aquele movimento de 1949 não trouxe mudança nenhuma na situação vivida pelos trabalhadores rurais, tanto é que ainda hoje lutam pela terra. O problema agrário e fundiário no Brasil fora reduzido a um “problema social” que o governo, “futuramente”, deverá revolver. Reproduzindo imagens disseminadas no senso comum, de que hoje na luta pela reforma agrária muitos dos envolvidos não são trabalhadores rurais sem terra, assim, posicionou, favoravelmente, a política do governo Fernando Henrique Cardoso para com os movimentos sociais de luta pela terra.

O termo “levantamento” assumiu para Felisberto um sentido duplo e ambíguo. Parece que Felisberto não está contente com o “levantamento” histórico desse passado, pois para Felisberto o “levantamento” do “levante comunista” não traz no presente nenhuma “influência [positiva] para Fernandópolis”. A disputa em torno das memórias sobre o movimento dos trabalhadores em 1949 levou Felisberto a se posicionar em 1996 contrariamente as suas próprias vivências e posições políticas assumidas no final da década de 1940 e início da década seguinte.

As narrativas orais problematizadas desvelam os diversos projetos e memórias em disputa, como também a produção social de memórias sobre os trabalhadores e seus movimentos. Em Fernandópolis as memórias sobre o movimento de 1949 foram e são divididas. Esse processo histórico é permeado por múltiplas ambigüidades, tensões e

contradições. São versões divididas e compartilhadas, apontando para tendências e projetos diversos para a cidade e para o campo. Parafraseando E. P. Thompson, esse movimento de trabalhadores é mais uma das “causas perdidas”, dos “becos sem saída”, dos trabalhadores, cujas memórias e histórias têm sido silenciadas e esquecidas, em que “apenas os vitoriosos (no sentido daqueles cujas aspirações anteciparam a evolução posterior) são lembrados” (THOMPSON, 1997: 13). A diversidade dos modos de vida e de luta de trabalhadores do campo e da cidade não tem se constituído em memórias e histórias “dignas” de serem narradas, foram e são, portanto, silenciadas pela memória hegemônica.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, P. R. “Cada um tem um sonho diferente”: histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.) **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

_____. ; KHOURY, Y. A. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História e Perspectiva**. Uberlândia, nº 25/26, p. 27-54, jul./dez. 2001/jan./jun.2002.

CARDOSO, H. H. P. Memórias de um trauma: o massacre na GEB (Brasília – 1959). In: FENELON, D. R. et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

_____. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

PESSOTA, A. J. et al. **Fernandópolis: nossa história, nossa gente**. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro: vol. 1, nº. 2, 1996a.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996b.

_____. As fronteiras da memória: o massacre das Fossas Ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. **História e Perspectiva**. Uberlândia, nº 25/26, p. 9-26, jul./dez. 2001/jan./jun.2002.

_____. **La ordem ya fue ejecutada.** Roma, las Fosas Ardeatinas, la memoria. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** A árvore da liberdade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1997.